

A SAPATARIA PORTUGUEZA

Jornal profissional interessando a industria do calçado, e outras que lhe são correlativas

Órgão da Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Redactor principal: MANOEL GOMES DA SILVA

Assignaturas	
Por series de 6 ou 12 num. (cada n.º)	30 réis
Provincias, idem	40 "
Extrangeiro e Colonias, idem	50 "
Brazil, idem	60 "

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa de S. Nicolau — 12, 2.º D.

Annuncios	
Cada linha	20 réis
Quando acompanhado de desenhos, gravuras, modelos ou moldes, será augmentado o preço da assignatura do jornal.	

EXPEDIENTE

As assignaturas são pagas adiantadamente, e contam-se desde o 1.º dia de janeiro ou de julho, por semestre ou por anno.

Rogamos aos srs. assignantes em debito do anno anterior de liquidarem suas contas.

Os que tiverem recebido algum numero de menos, queiram reclamar-o.

Collaboração apreciavel

TIVEMOS hoje de retirar o nosso artigo principal, para com muita satisfação dar cabida a alguns artigos, com que nos mimosearam, prometendo continuar, alguns esclarecidos e muito distinctos operarios da classe da correaria.

Não nos podiamos negar, se o nosso modesto jornal, se dedica aos interesses de todas as classes que trabalham em couros e pelles. Oxalá a deliberação dos nossos colaboradores tivesse imitadores nas outras classes, e muito principalmente na muito numerosa dos sapateiros, sendo para lamentar immenso que justamente n'essa escaceiem os nossos auxiliares, contribuindo infelizmente até para o nosso jornal ainda se conservar rachitico, representando, em comparação com outros jornaes profissionais da sapataria de outras nações, como merece quem tão pouco pensa e cuida dos interesses communs, entendendo certamente, que cada qual só tem n'esta vida de cuidar da propria individualidade, e de nada mais.

A Associação dos Melhoramentos da Classe dos Correeiros bem quizera crear o seu jornal profissional — *A Correaria Portuguesa*, mas convencida de que tão justa aspiração não pôde desde já ser realisavel, veio apoiar-se no nosso jornal, e a nossa redacção de accordo com os corpos gerentes da Associação que representa, não podia deixar de offerecer acolhimento favoravel, se se tracta do progresso e do melhoramento de uma classe irmã correlativa.

Associação Industrial dos Lojistas de Calçado

Assembléa geral

E' convocada a sua reunião para domingo 24, pelas 6 horas da tarde, para ser apreciado o relatório da gerencia de 1891, e se votar sobre o parecer do conselho fiscal.

Lisboa 18 de abril de 1892.

O SECRETARIO
Alfredo Carvalho.

Cooperativa Industrial dos Lojistas de Calçado

Balancete em 31 de Março de 1892

ACTIVO

Socios	1:509\$000
Caixa	175\$925
Monte pio Geral	640\$000
Fazendas Geraes	3:048\$885
Devedores	1.032\$050
Gastos Geraes	37\$455
Gastos d'installação	60\$000
Moveis e ntensilios	18\$250
	<u>7:461\$565</u>

PÁSSIVO

Fundo de garantia	2:971\$000
Fundo de reserva	70\$000
Fundo fluctuante	10\$645
Capital a realizar	1:509\$000
Juros do Capital	9\$930
Bonus de 1891	32\$880
Credores	2:858\$110
	<u>7:461\$565</u>

Lisboa 31 de Março de 1892.

OS DIRECTORES

José Antonio Coimbra
José Antonio Fernandes Junior
João Climaco de Souza Marques.

Associação dos Melhoramentos da Classe de Correeiros

Sua representação para esclarecimento ao Inquerito industrial de 1891

(Continuação do n.º 27, pag. 18)

Convidados pela dignissima Associação Industrial Portuguesa, para, conjunctamente com as demais classes correlativas, como cortidores, sapateiros, luveiros, etc., para apreciar e discutir o projecto da pauta apresentado por essa Associação, a classe dos correeiros fez-se representar por alguns dos seus membros, e depois de acalorada discussão, na qual prevaleceu sempre o mais acrisolado civismo e amor pela industria nacional, accordámos na pauta cujo modelo incluímos, tendo em consideração, como podereis perfeitamente examinar, não só os interesses da classe dos correeiros, como tambem os interesses da classe para nós bastante sympathica dos cortidores.

Coherentes com os nossos actos, pedimos o augmento para o couro em obra não especificada, visto essa manufactura, pela enorme concorrência que vem fazer ao mercado, prometter avassalarnos totalmente.

Não podemos tomar por norma a pauta do pernicioso tratado de 1882, pelas circunstancias já expostas, tomámos para base a pauta em vigor em 1881, pauta que vigorou pelo espaço de vinte annos, comprehendendo dois tratados com a França, provando assim que o nosso pedido está incluído dentro dos limites das cousas realisaveis, e fazemos algumas alterações, procurando, quanto possivel, salvaguardar os interesses do trabalho nacional.

Finalmente, demonstrando uma vez ainda quanto tem de modesta a pretensão que reclamamos, vamos evidencial-a, procurando filiar a origem que a determinou.

Pela pauta de 1881, que se refere a atanados e vaquetas, por ser essa materia prima que mais importamos para correaria, cada kilogramma pagava 50 réis, e o couro em obra não especificada pagava 1.000 réis por kilogramma.

Ora, com o augmento soffrido no projecto junto, e no que diz respeito ás vaquetas, visto que os atanados têm mais alta cotação, de que não nos aproveitamos, cada kilogramma passa a ser tributado em 120 réis, e, procurando estabelecer a mais vigorosa equação, sempre tão necessaria em assumptos de tão manifesta gravidade, afigura-se-nos que o tributo pautal para a obra manufacturada nunca poderá ser inferior a 2.740 réis por kilogramma, como nós apresentamos.

Eia, pois, do que carece a industria de correaria.

Não nos conceder a protecção pedida será então lavar a morte de toda a nossa classe, reduzindo-nos á fome, ao estiolamento e á miseria.

Sem a protecção que pedimos é evidente que a concorrência augmentará com a especulação commercial, e a industria baqueará totalmente.

É necessario notar que pedimos augmento de direitos em todos os materiaes necessarios para o nosso fabrico, isto no generoso intuito de proteger a industria dos cortumes, mostrando assim que não estamos repassados d'aquelle pertinaz egoismo, tão peculiar aquelles que especulam com o desenvolvimento da industria estrangeira, sem olharem a considerações de qualquer ordem.

Após dez annos de titannicas luctas nós voltamos as nossas vistas para o estado, reclamando-lhe que salve a industria de correaria de uma morte que se nos afigura certa; e esta nossa aspiração temos a plena confiança que será ouvida nas regiões governativas, pois se nos afigura que ahí prepondera a idea de levantar á devida altura o trabalho nacional.

E para o salvar, no ramo a que pertencemos, basta unica e simplesmente pôr em vigor nos novos tratados de commercio a pauta que apresentamos.

Faça o governo similhante concessão, satisfaça as nossas aspirações, baseadas n'um principio justo, e a classe dos correiros hade prosperar e engrandecer-se, porque tem elementos de sobra para o conseguir.

Eis, pois, o projecto da pauta que a Associação dos Melhoramentos da classe de correiros tem a honra de apresentar á dignissima commissão do inquerito:

Couros em meia cortimenta, sem acabamento, vulgarmente conhecidos por vaquetas do Brazil, kilog.	120 réis
Couros cortidos, não batidos, vulgarmente conhecidos pelo nome de atanados para correiros:	
Em branco, kilog.	300 "
Tintos, kilog.	320 "
Pelles envernizadas, pesando mais de 1 kilogramma cada uma, kilog.	400 "
Pelles ou couros cortidos não especificados, kilog.	450 "
Correias de couro de transmissão para machinas, acompanhando estas, ou separadas, kilog.	400 "
Bahús, cobertos de couro cada um	800 "
Malas com estojos, kilog.	2.740 "
Malas simples, sacco de viagem, bolsas de caçador, kil.	2.740 "
Couro em obra não especificada, incluindo as ferragens e guarnecimentos, kilog.	2.740 "
Couro em obra não especificada, incluindo as ferragens e guarnecimentos, kilog.	2.740 "

Lisboa e sala das sessões da Associação dos Melhoramentos da Classe de Correiros, em 28 de outubro de 1891.

A COMMISSÃO

Antonio Rodrigues
José Maria Pereira
Henrique Pereira
Miguel José Jesus
Domingos da Costa Leite

Ao publico e aos nossos collegas e consocios.

A Commissão de Instrucção da Associação dos Melhoramentos da Classe de Correiros, desejando propagar entre a classe que representa os conhecimentos variadissimos que mais intimamente se ligam á sua industria, teve primeiro em vista a fundação d'um boletim mensal que lhe fosse especialmente dedicado.

Razões d'ordem superior, desviaram-na d'este pensamento, visto que para isso teria a luctar com obstaculos invenciveis e desejando contudo dar por qualquer forma solução a este pensamento sollicitou da Ex.^{ma} redacção da *Sapataria Portuguesa* algumas columnas d'esta conscienciosa revista.

N'esta conjunctura, a Commissão cumpre o dever imperioso de manifestar o alto reconhecimento de que se acha possuida, julgando-se ao mesmo tempo obrigada a invocar da classe, que representa, a sua gratidão collectiva.

Lisboa, 12 de abril de 1892.

A COMMISSÃO

José Maria Pereira
Abilio Jorge Couceiro
Olympio Lourenço
Garibaldi Eduardo de Barros Carvalho
Cândido José Martins.

Secção Industrial

Calçado de infantaria

Extracto da continuação do artigo do Sr. Capitão Teixeira Machado publicado no n.º 53 da *Revista das Sciencias Militares*

(Em continuação do nosso n.º 27, pag. 18)

O calçado pregado, tanto com os pinos de madeira como a preguinho metallico, só tem inconvenientes. Além dos do calçado aparafusado, aggravados com a circumstancia de serem os pinos e preguinhos muito mais numerosos do que os parafusos, tem o de cairem com mais facilidade, não podendo então concertar-se o calçado. Finalmente, se nas arrecadações não ha com elle continuos cuidados, secca e os pinos e preguinhos caem; de sorte que o calçado, parecendo que está solido, pôde achar-se completamente arruinado, separando-se a sola da gaspia quando se calce bruscamente.

Tanto o calçado pregado como aparafusado teem ainda outro defeito. No calçado solidamente cosido á mão, a gaspia cose-se ás solas por meio da vira. No aparafusado ou pregado, a ligação faz-se directamente.

O calçado é provido de palmilhas ordinariamente muito finas ou de má qualidade, e em regra apenas colladas.

Sob a acção do calor e da transpiração as palmilhas caem, ou enchem-se de pregas que ferem os pés, quer se tirem, quer não, quer sejam colladas, quer pregadas ou aparafusadas, o resultado é sempre o mesmo, porque as extremidades dos pinos, dos pregos, ou dos parafusos, fazem saliencia na face interna das solas, e os pés, em lugar de assentarem sobre uma superficie lisa, assentam sobre uma serie de asperezas.

Os pinos que se usam na confecção do calçado, mesmo cosidos á mão, tambem teem inconvenientes, mas não ha remedio senão accceital-os. Devem porém empregar-se apenas os pinos absolutamente necessarios, sendo as suas extremidades cuidadosamente aparadas ao nivel da sola, para evitar que firam os pés. Mesmo que haja com elles este cuidado o melhor é usar uma palmilha de cabedal bem compacto e que não seja demasiadamente fino, o que ainda tem outra vantagem: a de poder augmentar-se a capacidade das botas, supprimindo as palmilhas, se os pés incharem.

(Continua.)

Mangueiras de couro

Acabamos de ver umas mangueiras feitas na Fabrica de Cortumes da Cruz-Quebrada, que a Camara Municipal mandou fazer, para o serviço de limpeza e regas, são realmente bem acabadas, e devem ser de muita duração; é bom que vão apparecendo estes melhoramentos nacionaes, para animar a nossa industria, o que é de suppor assim vá acontecendo, attendendo ao augmento dos direitos e differença de cambios, nas importadas do estrangeiro.

Companhia Industrial de Calçado

Rio de Janeiro, rua do Visconde de Inhaúma n.º 18

Temos diante os estatutos d'esta sociedade anonyma.

São os seus fins:

1.º Manufacturar, comprar e vender, no mercado da capital federal, ou em outros, calçado de todas as qualidades, fundando ou adquirindo para esse effeito as fabricas necessarias;

2.º Edificar, em terrenos que venha a adquirir, habitações para alugar aos operarios das fabricas;

3.º Adquirir por compra, aforamento, arrendamento, ou por qualquer outro modo, para os fins aqui auctorizados, terras, propriedades, machinas, materiaes ou bens de qualquer natureza.

O capital da companhia é de 800.000.000 réis, divididos em 4.000 acções do valor de 200.000 réis cada uma.

O capital poderá ser augmentado.

A directoria é composta de tres membros; presidente, secretario e gerente, cada um dos dois primeiros vencendo o honorario annual de 6:000\$000 réis, e o ultimo 12:000\$000 réis.

O fundo de reserva será formado de 3 % tirados dos lucros liquidados.

O fundo de deterioramento será constituído pelo menos com 5 % dos lucros liquidados.

São seus directores pelo tempo de tres annos os srs. Francisco R. Paz, presidente, Henrique Ribeiro Gonçalves Braga, secretario, Antonio Augusto de Carvalho, gerente.

Os 17 maiores accionistas são os srs:

	Acções
Antonio Augusto de Carvalho.....	265
Pinto & Mariz.....	200
Banco Popular.....	150
Antonio Alves Matheus.....	100
Antonio Teixeira Rodrigues.....	100
Banco Auxiliar.....	100
Banco União de Credito.....	100
Carlos Justiniano das Chagas.....	100
E. P. Lacase.....	100
Francisco Carlos Naylor.....	100
Henrique Ribeiro Gonçalves Braga.....	100
Henrique Lowndes.....	100
Joaquim Carvalho d'Oliveira e Silva.....	100
Manuel Cardoso da Silva.....	100
Manuel de Miranda Castro.....	100
Miguel Archanjo da Silva.....	100
Rodolpho das Chagas Andrade.....	100

Secção Commercial

O negocio em Lisboa

Findou o mez de março, com diminuição de negocios comparado com equal mez do anno anterior. E assim o trabalho vae reduzido para aquelles operarios que ainda são conservados nas officinas. Alguns collegas, ou melhor quasi todos, teem diminuido o pessoal de jornal.

Os lojistas na sua quasi totalidade, das variadas classes, estão soffrendo crise embaraçosa e para não poucos difficil de vencer.

E' fundado o receio de ainda piorar a situação. Do Porto chegam tambem noticias graves. Depois da sua crise bancaria, a crise dos commerciantes e fabricantes.

Pessoal desempleado crescendo sempre. Aonde nos arrastará o desespero da fome?

O negocio no Porto

O mez de março foi como o antecedente ou ainda de menor movimento nas officinas.

Alem da crise que atravessamos era tambem o mez das rendas de casas, e de certo que este anno terá sido mais difficil que nos outros o seu pagamento e por isso é de crer que em abril o negocio do calçado se ressinta ainda de tal circumstancia.

Em vista da fraqueza de negocio quasi todos os estabelecimentos teem despedido officiaes, estes tendo finalmente conhecido que a concorrência que faziam aos estabelecimentos com o trabalho que por sua conta executavam não lhes porporciona o sustento preciso, acabam de se reunir na sala da sua associação, resolvendo irem em commissão ao governador civil pedindo lhe para que interceda junto dos industriaes para estes dividirem o trabalho que teem, proporcionalmente.

Pelo seu lado a Associação dos Industriaes já na ultima sessão tinha começado a estudar a fórma da collocação dos operarios sapateiros sem trabalho. Tinha sido apresentado um projecto de inscripção dos mesmos, depois um convite aos industriaes que quizessem codjuvar n'esta empreza. Na sessão seguinte se resolveu.

Tambem está em discussão o mal que está fazendo aos lojistas de calçado a officina profissional do Terço, aonde a titulo de protecção ou caridade, os seus fundadores se vão calçar, não com calçados alli fabricados mas sim pelos officiaes de fora.

As mãos de collegas nossos teem vindo calçados alli vendidos e que em nada passam pelas mãos dos educandos, apenas o córte é obra do mestre da officina.

Porto, 7 de abril de 1892.

Julio Gomes.

Em Paris e Lyon

As vendas em março foram insignificantes, pouco se fez no meudo, sómente as fabricas trabalharam bem. A estação morta,

porém aproxima-se para ellas, dentro de um mez os operarios do grosso terão menos trabalho.

Em Lyon os negocios são difficeis, trabalha-se com tudo um pouco nas fabricas.

Exportação de França

A estatistica da sahida de calçado em janeiro e fevereiro apresenta diminuição para a Belgica, Argelia e varios paizes, com excepção de Inglaterra, Suissa e Brazil. No total menos 146:000 kilos, do que nos ditos dois mezes do anno de 1891.

Sociedade muito util

Segundo consta vae organizar-se no Rio de Janeiro uma sociedade com o fim de promover a venda no Brazil de productos da industria portugueza. O capital d'essa sociedade será de 250 contos fortes, em acções de 50\$000 reis, sendo reservada a Portugal até metade da emissão.

A sociedade terá succursal em Lisboa. Segundo o programma que se apresenta, o productor portuguez que quizer negociar os seus artefactos no Brazil só terá de entregal-os na succursal da companhia em Lisboa, mas depois receberá a importancia da factura com o desconto de 5 p. c.

(Seculo de 25 de março.)

O preço da carne em Lisboa

O publico da capital começa a preoccupar-se com os boatos que insistentemente circulam, de estarem muito proximos de realisação os antigos projectos de se estabelecer o monopolio da venda da carne, se não de direito, pelo menos de facto, em consequencia da suppressão dos talhos municipaes, para a qual se trabalha de ha muito com uma tenacidade digna, realmente, de melhor causa.

Não nos falta, com effeito, mais nada do que estabelecer e bem as claras mais este ramo de agiotagem cruel e implacavel, em uma epoca de verdadeiras torturas, não só para as classes pobres e miseraveis, como ainda para as remediadas, ou que teem obrigação de o parecerem.

A vida em Lisboa está carissima e não se vê, da parte de quem deve procurar minorar os vexames porque está passando toda a gente, uma só providencia acertada, um unico remedio efficaz!

Quem governa, seja quem for, e esteja onde estiver, só pensa em tirar e ninguem pensa em dar. Governo e camara municipal consideram o contribuinte como um limão a quem é licito espremer em quanto pôde dar algum sumo, e ainda que se reconheça que essa pobre besta de carga, chamada municipio de Lisboa, já mal pôde com o peso que lhe teem ido pondo sobre o dorso, os legisladores de cima e de baixo, são inelementes e continuam abusando da sua força e excedendo-se nas suas exigencias.

O peor é que a reacção hade vir e ninguem pôde calcular quaes as suas consequencias. Por isso mesmo é que aquelles a quem sobrecarregar maiores responsabilidades, deviam ser mais prudentes e cautellosos e pensar um pouco no presente dos outros, para se prevenirem com respeito ao seu proprio futuro.

O que se tem feito em Lisboa com os artigos de primeira necessidade e os abusos de que o publico tem sido victima, mostram que é inexgotavel a paciencia do povo, como insaciavel o fisco do Estado e o fisco municipal.

Falla-se só em monopolios que servem para explorar o consumidor, mas não se cuida de os estabelecerem em seu beneficio. Dão-se quasi de mão beijada valiosos exclusivos e o governo não tira partido d'elles para favorecer o povo. Enchem-se as burras dos argentarios com largas concessões e não as explora o Estado para alliviar os contribuintes. Assim as fortunas particulares augmentam e a publica diminue, os ricos passam rapidamente a muito ricos e o thesouro de pobre chegou a pobrissimo.

A epoca é de monopolios e são elles que dão lucros avantajados? Pois explore-os o governo ou a camara, não com o fim de encherem os seus cofres até transbordarem, mas para d'elles tirarem uma compensação rasoavel, revertendo os grandes lucros a favor de quem consome.

Não morrendo de amores pelos monopolios, não veriamos comtudo com horror que o Estado explorasse os da venda da agua, da carne e do pão, pois era unico modo de termos garantido o producto bom e o preço rasoavel.

Por menos consideração que merecessem ao governo os males de uma grande população como a da capital, elle teria o cuidado de não ir exgotal-a com exaggerações e com o ludibrio. A questão de ordem publica é aquella que mais interessa aos ministros, e não ha hoje um unico que seja capaz de, por caprichos e teimosias, provocal-a e pô-la no primeiro plano dos problemas de administração a resolver. Tudo se accomoda, tudo se arranja, tudo

se compõe, menos quando se levanta um conflicto entre quem manda e quem se canga de ser mandado.

Nos monopólios explorados por particulares ha contractos, e alguns bem leoninos, a respeitar e sophismas a empecer os direitos do consumidor e a tornar interminaveis as contendas e as discussões; e quando o monopolista é o Estado é elle que altera as suas relações com o contribuinte, consoante as necessidades de momento e as indicações da opinião. No primeiro caso, só ganha o explorador para perder o explorado; no segundo, ou ganham ou perdem um e outro, porque ha reciprocidade nos lucros ou nos prejuizos.

Os talhos municipaes foram, e são bem accites pelo publico, e se a sua administração fosse mais zelosa e a camara tivesse sido um pouco mais arrojada, a situação d'esses talhos seria muito outra, como outra seria tambem a de nós todos, que precisamos comer carne para nos mantermos.

O pensamento d'aquella creação está incompletamente executado, porque o municipio nunca soube ou não quiz emancipar-se a valer dos marchantes, não obstante dispôr de fortes elementos para o fazer.

Pois emende-se o erro, que é já velho, mas remediavel e, em vez de acabar com os talhos municipaes, reorganise-os a camara de um modo pratico, não tenha contemplações, nem patrocine directa ou indirectamente, interesses pouco decorosos, e terá prestado um valioso e assignalado serviço aos seus municipes.

Esta questão é grave, e convém que a imprensa d'ella se occupe sem hesitações e sem transigencias.

Pela nossa parte, ahí fica a nossa opinião, que não nos custará a sustentar, porque é firme e arreada.

(Commercio de Portugal, n.º 3:811, de 3 de abril de 1892.)

Secção de Exposições

Exposição Industrial de Guimarães em 1884

O calçado e a correaria

Segundo a apreciação do jornal *Primeiro de Janeiro* nos seus n.ºs 150 a 153

Na sala n.º 2 expõe-se o calçado de luxo, botas, sapatos de homem e senhora, de passeio, de baile, etc.; calçado ordinario, chinelas, sapatos de uso popular, tamancos, etc. É grande o numero de fabricantes empregados n'esta industria, entre os quaes avultam a casa Silva & Filho e os srs. Francisco d'Oliveira e Antonio José de Macedo. Este ultimo fabricante expõe alguns exemplares de calçado sem costura, verdadeiramente primorosos, elegantes, solidamente trabalhados, e que figurariam com justiça nas vitrines dos primeiros sapateiros das duas capitães. Vi um par de sapatos de couro branco e algumas botas executadas segundo o systema inglez, de tação baixo e correias, prendendo no dorso do pé, que fazem honra ao fabricante. Os srs. Silva & Filho apresentam igualmente alguns trabalhos das suas officinas, muito dignos de assignalar-se. O calçado de senhora, de setim e cabedal, é elegantissimo.

Ha na mesma sala uma vitrine occupada pelo calçado de uso popular, tamancos, marchetado, com vivos de côres variiegadas, e borlas de setim, chinelos toscos, e toda a especie de sapatos grosseiros. Esta ultima industria tem-se vulgarisado muitissimo no paiz; no Porto e em Lisboa abundam os estabelecimentos de tamancos e chinelinhas aldeãs, e o consumo não diminue, a despeito da invasão do calçado moderno, de duraque, de cordovão e de pellica. Os camponios, sobre tudo os que vivem mais afastados dos principaes centros, não comprehendem ainda o uso da bota e assim como o *sabot* não será nunca abandonado nos departamentos de França, nas provincias da Belgica e da Hollanda, o tamanco e o sapato grosseiro, de couro, permanecerão fomentando a pequena industria que em Portugal se applica a fabrical-os. Demais o tamanquinho de bico de polimento ornamentado de lavores e frocos de seda, constitue um pomorner formosissimo do trajar das nossas camponezas, garridas e garbosas d'esses atavios que ainda conservam o caracter de cada provincia e de cada região.

São expositores n'esta secção, os srs: Nicolau José Gonçalves, Jeronymo Felix, Simão Ribeiro e José Ribeiro Pitta. Empregam-se no fabrico 300 pessoas. O valor das materias primas é de réis 61:413.000.

Na mesma sala exhibem-se ainda sellas e sellins de varias fórmas, arreios para cavallos de trem, correões e cinturões de caça.

A industria está pouco desenvolvida, apesar do consumo provavel dos artefactos. Empregam-se n'ella 13 pessoas. O valor das materias primas é de 3:200.000 réis. O sr. Custodio Fernandes Lopes expõe um arreo completo de cavallo. Se os trabalhos não

representam uma grande correcção e esmero em vista do que hoje se produz de magnifico no genero, accusam, não obstante um progresso consideravel. Alguns exemplares são ainda rudimentos d'uma quasi arte levada ao mais alto grau entre os arabes e os marroquinos, e actualmente tão apreciados nos museus e *ateliers* de artistas. A sella e o estribo de couro, o sellim e as correias, e um grande numero de adornos de cavallo, são executados mesmo entre nós, com a maxima perfeição e tão apreciados como os productos estrangeiros. Alem disso, a secção de que nos occupamos é pouco abundante.

Secção de Correaria

A correaria na Imprensa

O grande movimento industrial que em nossos dias agita e convulsiona as sociedades humanas, exige para a expansibilidade das suas manifestações, os mais variados processos, p los quaes teem de se guiar aquelles que enlaçados na gigantesca lucta do trabalho e progresso, procuram conscienciosamente cooperar para o engrandecimento do ramo profissional a que se dedicam.

Ora, considerando como agente e factor da educação artistica, é sem duvida a imprensa a quem cabe o mais proeminente lugar, visto que qualquer aperfeiçoamento por insignificante que á primeira vista pareça ser, poder se ha, todavia, quando divulgado, transformar-se em beneficos resultados pelas modificações progressivas que o pensamento colectivo d'uma classe deverá de futuro trazer.

A correaria portugueza, mercê do meio atrophizador em que vegetamos, parece destinada a esquecer as velhas tradições que tão altamente a elevaram e engrandeceram no periodo aereo, em que foi chamada a assumir um papel predominante, não só pelo seu maximo grau de perfeição, mas bem como pela sua participação no confeccionamento de muitos artigos que são parte componente das artes decorativas.

Não é porem este um facto isolado, é, pelo contrario, um phenomeno peculiar a muitissimas outras industrias que, de ha largos annos vem accentuando uma extraordinaria decadencia.

É certo que, causas de ordem esthetica e economica teem trazido ás varias manifestações do labor humano, moralidades que as torna incompativeis com as antigas fórmas de produção.

Em primeiro lugar devemos ter em vista o periodo febril que atravessamos, o qual perante a concorrência infrene que avassala e subjug a campo manufactureiro, tornando-o n'uma liça cruenta em que só sae victorioso quem mais barato produz; um tal estado diriamos, oblitera e annulla a depuração do gosto e a intuição pura e natural que só pode produzir bons resultados quando desabrochada n'um meio pacifico e calmo, por outro lado, a applicação da machina empregada nas principaes fontes productivas, trazendo immediata vantagem pelo barateamento dos artefactos, é contudo um factor de perturbação nas manifestações intellectivas do operariado, visto que reduzindo este a simples automato, cuja missão unica é a vigilancia permanente do movimento cadenciado da machina, dá como resultado que dentro em pouco a nostalgia d'elle se apodere, extinguindo do seu cerebro todos os germens de originalidade.

Quer-nos comtudo parecer, que o estado actual é apenas transitorio e que semelhante aos grandes acontecimentos historicos e sociaes, longe de caminharmos para um absoluto anniquilamento, estamos ao contrario no alvorecer de uma epoca de progresso e engrandecimento.

Para isto, porém, é necessario que desde já principiemos a levantar quanto possivel o nivel mental da nossa classe, procurando dar a todos o conhecimento succinto e claro de tudo que se relacione com os progressos da correaria.

N'este sentido não nos será indifferente todos os aperfeiçoamentos trazidos pela sciencia ás industrias nossas correlativas.

É verdadeiramente notavel a grande transformação pela qual tem ultimamente passado a pelleria, industria cujo conhecimento tanto importa estudar, visto que nos seus variadissimos processos de aperfeiçoamento tem evoluicionado por tal fórma, que desconhecemos em absoluto quasi se torna censuravel.

A tecnologia profissional, a ferramenta manual e mechanica, a correaria de luxo, etc., taes são os assumptos que de futuro deverão chamar a nossa constante attenção.

É sempre apreciado e digno de todo o louvor, a perfeita execução artistica do trabalho que ao operario é confiado, mas não basta, é mister que á sua nativa habilidade corresponda uma sã educação, para que, quando interrogado sobre qualquer assumpto que diga respeito á sua responsabilidade, saiba responder sem tibieza, manifestando ao mesmo tempo claro conhecimento da profissão a que se dedica.

Para isso é necessario procurar, embora lentamente, uma instrução regular que o colloque ao alcance d'estas naturaes exigencias da vida moderna e é essa a missão que hoje encetamos.

Chamados em nome d'uma Associação (*) cujas justas aspirações se resumem na regeneração moral e intellectual da nossa classe, havemos dentro dos nossos modestos recursos mentaes envidar todos os possiveis esforços para conseguir tão justo fim, que os nossos collegas por sua vez nos acompanhem, que elles venham trazer o seu concurso valioso a esta obra de aperfeiçoamento e regeneração artistica e dentro em pouco levantar-nos-hemos ao lugar a que nos chamam as modernas noções dos deveres profissionais.

A correaria portugueza durante a renascença

A renascença, essa epoca maravilhosa em que o espirito humano acordou do sono lethargico em que se havia mergulhado durante tantos seculos, representa na marcha ascensional do progresso um dos periodos mais extraordinariamente fecundos que a historia assignala.

O genio inventivo cuja degradada compressão, tanto se havia feito sentir, floresce na sua maxima amplitude e as variadissimas manifestações da arte e da sciencia, marcam um cunho portentoso e bello.

Tendo fatalmente de obedecer á acção do meio, a correaria em Portugal attinge então a mais brilhante magnificencia, tornando-se sobremaneira notavel durante o reinado de D. Manuel e após todo o seculo XVI em que o fausto e a sumptuosidade foram de tal ordem, que causou o enlevo e a admiração de nacionaes e estrangeiros.

O cavallo era então objecto dos mais primorosos cuidados e os seus jazeres eram opulentissimamente adornados, principalmente nos cavallos de mão.

O ouro, a prata e a fina pedraria, que em seguida á descoberta do Brazil tão abundante se tornára entre nós, brilhava com profusão nas cabeçadas, redeas, peitoraes, retrancas, etc.

As sellas cobertas de velludo, ostentavam dezenhos da mais caprichosa phantasia, em que reflectiam com brilho pujante os mais preciosos metaes.

As gualdrapas e coberturas dos cavallos de mão, dos particulares ou do estado, eram de seda, damasco e outros tecidos notaveis que do Oriente nos eram enviados, tornavam-se igualmente distinctas pelos labores e bordados que as guarneciam.

De tudo isto realçava um conjunto maravilhoso em que a grandeza e o apurado gosto se alliavam intimamente ao esplendor da epoca, o que se torna impossivel ser imitado nos nossos dias.

A profusão de materiaes e o meio em que se desenvolvia, influíam poderosamente para que a correaria nacional fosse levantada a tão subida ostentação.

De fórma alguma temos em vista depreciar a singeleza dos arrieiros actualmente em uso porque, se o fizéssemos mostravamos desconhecer o caracter utilitarista da nossa epoca, embora, arrieiro e cavallo tenham em todos os tempos desempenhado identicos serviços.

O nosso fim é simplesmente demonstrar a importancia attingida pela nossa industria, não esquecendo todavia a relatividade da epoca em que tal exuberancia astistica se manifestou.

Na arte como em tudo, o relativo tem lugar predominante.

Na correaria

De ha muito que a industria de correaria em Portugal, vem soffrendo as agruras provenientes do nosso desequilibrio politico e financeiro.

Não podia ella ficar isenta dos males de que enfermam todas as outras, mormente porque se divide em diferentes ramos, alguns dos quaes podem ser considerados como productores de superfluidades que somente se apropriam á satisfação das vaidades da classe aristocratica ou abastada.

Claramente se depreheende, que são sem duvida estes ramos da nossa industria que mais soffrem no seu commercio, se bem que os restantes, considerados ramos de necessidade, soffram tambem dolorosamente com a crise que assoberba o nosso infeliz Portugal.

Não seria empreza facil, apresentar com a eloquencia esmagadora dos numeros, a decadencia sempre crescente do commercio na correaria, porque a nossa organização social, sempre tão descurada, não fornece elementos necessarios para tal empreendimento.

Comtudo, são palpaveis os seus perniciosos effeitos.

Os estabelecimentos mais bem montados e cuja lista é assaz exigua, tem os seus empregados reduzidos a tres ou quatro dias de laboração por semana. Pois ainda assim, os productos que não encontram saída no mercado, agglomeram-se espantosamente em todos esses estabelecimentos, com o auxilio das ma-

chinas de costura de maior força, ultimamente introduzidas na correaria, que em muito menos de uma hora podem produzir tanto, quanto um operario em um dia.

Nos restantes estabelecimentos, laboram apenas os seus proprietarios e alguns aprendizes.

Nos consumidores é progressivo o retrahimento, procurando obter os artefactos por preços limitadissimos, valendo-se para isso da concorrência desastrosa que os industriaes fazem entre si, forçados pela necessidade de apurar capital com que satisfazer os seus encargos e compromissos.

E' deveras assustador este estado de coisas que ameaçando prolongar-se por tempo indeterminado, nos permite antever a paralisação total dos trabalhos, que tão progressivamente se accentua de dia para dia.

N'esta dura contingencia, que fazer?

A desorientação que por toda a parte se faz notar, é propria ao acordar de tão longo e pesado sono de indifferentismo.

Mas que cruel despertar, deparando-se face a face a miseria e a fome!

Urge, pois, que os abastados se congreguem, para que com a mais levantada philantropia minorem os soffrimentos d'aquelles que lhes valorisam os seus capitães, retardando assim quanto possivel o momento de se ferir a lucta pela existencia, a que todos temos incontestavel direito.

Maneira de soffrear os cavallos quando desbocados

Um dos perigos a que mais frequentemente estão expostas as pessoas que transitam em carruagens e em outros vehiculos, é o desgoverno do gado que por demasiado fogoso ou por outro qualquer incidente se lança em carreira vertiginosa, arastando atravez de innumerables precipicios a vida d'aquelles que conduzem.

Ainda ha pouco tempo um desastre d'estes veios lançou a mais profunda magua uma das familias mais abastadas de Lisboa.

Referimos ao caso Moser.

Ora para evitar factos d'esta ordem, acaba Mr. Dannhauser de obter privilegio d'um novo aperfeiçoamento que permite evitar estes accidentes.

Consiste elle n'um dispositivo que permite funcionar os antolhos de maneira a apertal-os sobre os olhos do animal, fazendo ao mesmo tempo baixar a cabeça a fim de impedir a carreira, cortando-lhe igualmente a respiração por meio d'um sacco elastico que lhe veda a boca e as narinas.

Este sacco é impermeavel e manobrado, bem como os antolhos, por meio de redeas especialmente applicadas a esse fim.

Secção Noticiosa

A Kermesse Operaria.—Na sala da sociedade Caixa Economica Operaria se recebem as prendas e donativos que cada um quizer offerecer para o bazar que no dia 24 de corrente os dirigentes d'aquella notavel cooperativa abrirão em beneficio dos operarios sem trabalho.

Tambem se recebem donativos na rua Augusta n.º 260.

Arrematação.—Em Vianna do Castello no dia 19, a brigada de artilheria de montanha, dará de arrematação pelo percurso de um anno o fornecimento da materia prima para a manufactura do calçado das praças d'aquella brigada.

A celebre Giraldina.—A gatuna Maria Roza, mais uma vez condemnada por furtos tem de fazer agora 14 mezes na cadeia do Aljube. Inclinação aos furtos de calçado nas lojas de venda, agora entre os objectos roubados se comprehendiam dois pares de sapatos novos.

Camara dos pares.—Na sua sessão de 29 de março approvou o projecto da pauta fazendo tres emendas.

Foi o sr. conde de Castro quem mais objecções fez ao projecto.

Pauta do Ambriz.—A commissão das pautas Ultramarinas concluiu na sua sessão de 17 de março a discussão do projecto da pauta para a Alfandega do Ambriz.

Consumo da carne.—Tem encarecido, o resultado tem sido comer-se menos.

Calcula-se ter-se abatido no matadouro de menos 4:000 bois nos ultimos dez mezes.

E' cariento.—Em algumas igrejas de Paris aos domingos ha sermões contradictorios, os quaes consistem no seguinte. Em um pulpito o pregador expõe a boa doutrina, mas em outro pulpito fronteiro um outro padre representa de operario, vestido como tal e com barbas postiças, o qual faz os maiores esforços para refutar a doutrina do primeiro padre. Este responde-lhe com fortes argumentos, e a final a scena acaba pelo operario se declarar convencido e não sabendo como continuar a destruir os argumentos do pregador.

Dá vontade de rir e desafia a traça.

(*) Associação dos Melhoramentos da Classe de Correeiros.

J. DAILLOUX

MACHINAS E UTENSILIOS PARA CALÇADO

Envia-se o catalogo com os preços correntes a quem o requisitar

5-BOULEVARD DE LA CHAPELLE-5
PARIS

CÓRTEZ PESPOINTADOS EM TODOS OS GENEROS

MOLDDES PARA CALÇADO
EM CARTÃO OU ZINCO

FORNECEDOR

VICTOR GOMES
190—RUA DOS FANQUEIROS—190
LISBOA

DEPOSITO DE MATERIAS PRIMAS

PARA SAPATEIROS E CORREEIROS
DE

RICARDO DIAS & C.^A

159, Rua dos Sapateiros (Arco Bandeira), 1.º

LISBOA

Artigos de fabricantes acreditados, e de marcas conhecidas n'este mercado

Vendas por grosso

PÓ DINAMARQUEZ

Para tinta de sapateiros e surradores já experimentado com aprovação por muitos fabricantes de calçado em Lisboa e Porto

50 grammas em meio litro de agua a ferver produz tinta preta para immediata applicação em sola e pelles, tanto pelo lado do carnaz como pela flôr.
Vende se em saquinhos de papel de 50 grammas a 40 rs. Em porções de um kilo para mais se faz abatimento.

Agentes em Portugal—GOMES & FILHOS

LISBOA—190, Rua dos Fanqueiros, 192

CERA PRETA

Marca franceza, a melhor das experimentadas no acabamento do calçado.

CASA GOMES & F.^{os}

190, Rua dos Fanqueiros, 192

LISBOA

ALFREDO CARVALHAL

Calçado fabricado

PELO

SYSTEMA DE PREGO

Solidez e perfeição

R. Aurea, 258

T. de Santa Justa, 90

JOÃO VERISSIMO PEREIRA

181, R. Direita de Oeiras, 181

OFFICINA
DE

Sapatos de trança

Preços por duzia sem desconto para mulher n.ºs 1 a 5, 4.020 réis, para homem n.ºs 6 a 11, 4.800 réis.

JACINTHO J. RIBEIRO

GRANDE DEPOSITO DE ARTIGOS PARA CALÇADO

Lisboa — 194, Rua dos Fanqueiros, 200 — Lisboa

Pellaria de côr
em todas as qualidades
para
calçado de verão



Sortimento colossal
de FORMAS
de todos os modelos
e tamanhos

Tem sempre avultado sortimento de fazendas da sua especialidade que recebe directamente das principaes fabricas nacionaes e estrangeiras.

Fabrica a vapor de Alpargatas

DE
Gonzalez & Tejedor

197 — Rua Occidental do Campo Grande — 197

LISBOA

Diversidade de qualidades para homens, senhoras e meninos, para uso da rua, de casa e de banho.
Importantes melhoramentos introduzidos na fabricação permitem apresentar trabalho de confiança e de agrado para o publico. Preços baratissimos para revender.

10

MANUFACTURA DE COUROS ENVERNISADOS

Bezerros pellicos e pretos engraxados

GASQUIEL — DONZEL

à AUBERVILLIERS (Seine, França)

Depositos em Paris

30, rue de Rambuteau

Representado por DIEGO ARACIL

31, MAGDALENA — MADRID

11

P. PLANAS

92, Calle de San Pablo, BARCELONA

Constructor de máquinas especiaes para la fabricacion de calzado
Miembro de la Academia Nacional de Paris, y de la Sociedade Cientifica Europea, de Bruselas
Premiado con medalla de oro
en Barcelona y Bruselas, y de plata en Paris y Buenos Ayres

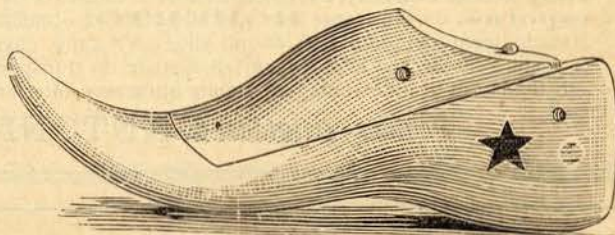
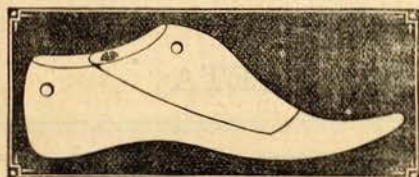
Ofrece á los fabricantes e zapateros portugueses, toda classe de maquinaria la más perfeccionada que se construye en el dia, como lo acredita el haber montado las principales de España y Sud-America.

Envio de catálogos detalhados segun demanda

UNICO DEPOSITO DE FORMAS ALLEMÂS

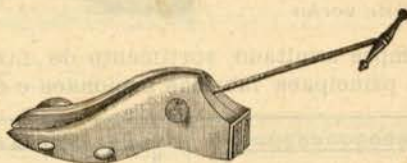
240 — RUA DOS FANQUEIROS — 242

João Ignacio Romão



F. CUNHA

DEPOSITO POR GROSSO
DE
MATERIAS PRIMAS PARA CALÇADO



Unico depositario em Portugal das
acreditadas fôrmas para calçado de Belvallette Frères
em diferentes modelos

67, RUA DO CRUCIFIXO, 67
LISBOA

13

FERREIRA & FONSECA

SUCCESSORES DE Julião de Freitas Guimarães
149, R. de D. Pedro, 159—PORTO

ARMAZEM DE SOLA

DAS

Diversas fabricas do Porto e de toda a qualidade de bezerros nacionaes e estrangeiros
ESPECIALIDADE EM MIUDEZAS E UTENSILIOS PARA A SAPATARIA

Não é preciso dar muita volta ao miolo para fabricar calçado barato, desde que se recorra a este bem fornecido deposito, onde se encontram materias de preços os mais reduzidos possível.

14

Alfredo Carvalho

Rua Aurea, 258

Travessa de Santa Justa, 90

Botas á Frederico

Botins de cano

Botas afiveladas

Butes atacados

LISBOA

15

LOJA DE FERRAGENS

16, RUA DO AMPARO, 16 — LISBOA

N'este estabelecimento encontra a sapataria um abundante sortimento de varios artigos de seu consumo, taes como **prego, carda e broxas, das melhores fabricas; fio, cerdas, botões, etc.** As melhores ferramentas do officio, como **torquezes, facas, grozas, buxetes, etc.** Encontra-se n'esta casa os **ferros de caixa e as caixas de esporas**, do fabricante **ROBERTO**, o melhor d'actualidade. Todas as encomendas por atacado teem desconto e as de mil kilos para cima, enviam-se pelos caminhos de ferro com transporte gratis — as de 500 kilos pagam só metade do transporte. Agora se recebeu a **gommalina** que substitue com grande vantagem a colla ou massa anteriormente empregada no officio.

16

Pedidos dirigidos a **ANTONIO PAES BAETA**